

Apresentação

ANTONIO DIMAS

Para termos acesso a Lygia Fagundes Telles, escolhemos três flancos diferentes. Fica para o leitor a escolha do que lhe for mais conveniente: se o do conto; se o do romance; se o da memória.

Nenhum deles altera o resultado final, que é o prazer. Como em uma questão aritmética simples, a ordem dos fatores não altera o produto, que será sempre a descoberta de uma escritora manhosa e inesperada, graças à variedade de seus temas e de suas técnicas.

Como em clássica tocaia felina, na qual o movimento em si é muito mais sedutor que seu desfecho, nossos três colaboradores vão espionando, devagar e aos poucos, as manhas técnicas, históricas ou temáticas de que se compõe esse universo ficcional de aparência plana. Cada um, por sua vez, encarrega-se de um ângulo na tentativa de melhor escarafunchar o texto.

Das narrativas curtas ocupa-se Gabriela Kvacek Betella, em função das quais monta um quadro de referências históricas, técnicas e temáticas, demonstrando, à saciedade, o lugar que o conto de Lygia Fagundes Telles ocupa na produção desse gênero no Brasil. Não fosse isso suficiente, sua insistência sobre a função do detalhe como recurso para intensificar e dinamizar a ação da história em andamento ensina ao leitor que a leitura por obrigação

prejudica-o e dispersa-o, não se tornando, portanto, o caminho mais indicado neste caso.

Para os romances, Maria Célia Paulillo monta questão preliminar interessante, cujas possibilidades de resposta tornam-se bom desafio para as sucessivas gerações de leitores de Lygia, espalhadas pelas enormes desigualdades deste país também enorme. Ultrapassando a avaliação estética do texto em si e se avizinando do estudo sociológico do gosto, Maria Célia indaga: Por que *Ciranda de Pedra* e *As Meninas* permanecem há tanto tempo no cenário de nossas manifestações culturais, tanto as eruditas como as de massa? Por que despertam um interesse particular nos jovens leitores?

As respostas, com certeza, não virão de um jato só, mas irão se acumulando para formar um caldo de cultura bem revelador da multiplicidade de sentidos possíveis que esses textos permitem e provocam.

E quando tais respostas estiverem colaborando para a construção — sempre discutível, é claro — de uma eventual compreensão mais segura da autora, eis que tudo se embaralha de novo com a mistura deliberada entre *imaginação* e *memória*, proposta por Suênio Campos de Lucena. Uma das frases de seu texto não deixa dúvida quanto à provisoriedade e à instabilidade dos juízos definitivos:

A despeito de citar datas, locais e nomes próprios, qualquer análise deve abordar essas narrativas como *híbridas* entre registro pessoal e ficcional, o que liberta a autora da *verdade do narrado*, registro importante para atentarmos que nesses livros não se deve tentar separar os escritos reais dos fictícios, mas percebê-los como narrativas que devem ser lidas como crônicas ou contos.

Arremessados, de novo, às incertezas iniciais, vagamos por essas histórias sempre à cata de indícios, pormenores, pistas, vestígios, porque é com esse tipo de material que Lygia as constrói, apostando na argúcia e na sensibilidade de seu leitor.

Com esse procedimento, acabamos por nos tornar seu parceiro na invenção narrativa, já que os feijões espalhados ao longo do seu texto, como no velho conto infantil de João e Maria, aguçam nossa curiosidade e nos forçam a um vaivém constante, em busca de um suposto sentido para esta ou aquela história.

Com Lygia, o leitor se emparelha e se sente confiante, até o momento em que um dado novo o desvia da rota, sem que perceba.

Um pouco à moda da escritora, pois, voltamos ao começo para arrematar com um trecho do ensaio de Gabriela Kvacek Bettella, que esclarece:

Os contos de Lygia cumprem o ritual de desenvolver a tensão para envolver o leitor, surpreendendo-o com a reviravolta que denuncia um ou mais personagens. O procedimento capaz de inverter a ordem dos fatos para a conclusão de um episódio decisivo moderniza o conto, assim como o aproveitamento máximo do tempo e do espaço e a utilização do enigma, seja por uma história cifrada dentro de outra ou não.

E foi para essa tarefa de decifração, de prazer e de exercício mental que reunimos sugestões de leituras complementares, de atividades a serem desenvolvidas, de boxes explicativos, sempre no intuito de tornar a leitura de Lygia Fagundes Telles uma descoberta, e não uma tarefa.